



Apática

Marcelo Xavier

Formato



Apática

Marcelo Xavier

1ª edição

Conforme a nova ortografia

Formato

Copyright © Marcelo Xavier, 2015

Gerente editorial executivo: Rogério Carlos Gastaldo de Oliveira

Editora: Kandy Saraiva

Assistentes editoriais: Andréa Der Bedrosian, Flávia Zambon, Laura Vecchioli

Preparação de texto: Laura Vecchioli

Auxiliar editorial: Patrícia Pellison

Supervisão de revisão: Fernanda A. Umile

Revisão: Tácia Soares

Produtor editorial: Elcyr Oliveira

Projeto gráfico e diagramação: Rosa Design Gráfico

Produtor gráfico: Rogério Strelciuc

Capa: Marcelo Xavier e Rosa Design Gráfico

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

X21

1.ed. Xavier, Marcelo

Apática / texto e ilustração por Marcelo Xavier. 1.ed. –

São Paulo: Formato, 2015.

40 p. il.;

ISBN: 978-85-7208-886-2

1. Literatura juvenil. 2. Título.

CDD 028.5

Índica para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5

1ª tiragem, 2015

SARAIVA Educação Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 270 — Pinheiros

05413-010 — São Paulo — SP

SAC	0800 - 0117875
	De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30
	www.editorasaraiva.com.br/contato

Todos os direitos reservados.

077394.001.001

Dedicatória

Estamos juntos, nesse trem de vida, desde a juventude. Um ao lado do outro, vendo o mundo lá fora pela mesma janela. Dedico este livro a ele: meu amigo-irmão Paulo Bernardo.

Apática: pequena cidade perdida no tempo e no espaço. Entre montanhas, depois do longe mais longe, fora do alcance da mão do mundo. O único acesso a ela – uma estrada de terra, estreita e perigosa – mais ainda a isola e contribui para a preservação de suas estranhas características. A época é qualquer uma. Para seus moradores não importam as horas, os dias ou os anos. O tempo escorre como massa pastosa num plano pouco inclinado. Fatos existem – a cidade não está morta –, mas não são vividos. Absoluta é a indiferença das pessoas do lugar.

Ninguém sorri ou chora em Apática. Ruas, calçadas de pedra, mesmo sob o sol, parecem sempre cobertas por uma leve camada de gelo. Da mesma forma, as pessoas possuem esse ar de eterno inverno. As casas, baixas – à exceção de alguns poucos sobrados –, coladas umas às outras, têm as fachadas bem junto à calçada. Nada de jardins ou árvores nas ruas. Destaca-se o hotel, o único da cidade.

Quando aquele forasteiro de cabelos grisalhos, barba e bigode castanhos atravessa a cidade com uma pequena mala de couro, seus passos, regulares como as batidas do coração, são acompanhados com desinteresse pelos comerciantes que cochilam atrás dos balcões. Tem a aparência saudável de um jovem viajante.



Uma formiga, carregando uma folha dez vezes maior que ela, sobe numa das pedras do calçamento, completamente fora da rota de suas companheiras, talvez sendo conduzida até lá pela mão cruel do destino. Nesse exato momento, o sapato do forasteiro desce precisamente sobre ela, como se obedecesse a um desígnio da sorte.

Ao dobrar uma esquina, esse homem se vê frente a um cortejo fúnebre. Rapidamente se encosta a uma parede, dando passagem à procissão. Adiante, segue um menino com uma coroa de flores; logo atrás, outro, levando um grande crucifixo; alguns passos depois, quatro homens carregam o caixão, roxo. Por último, mulheres vestidas de preto – bando de pombas arrulhando orações e súplicas.

Como se previa, o forasteiro não se surpreende pela ausência de lágrimas ou algum sentimento de perda no olhar dos que passam por ele. Cumpre-se um ritual, nada mais.

O homem esfrega as mãos nos braços cruzados, buscando calor. Liberada a rua, ele agarra a alça da companheira de viagem e segue em frente.

Em pouco tempo, está diante do hotel – um sobrado que exhibe os detalhes rebuscados de sua fachada imersos em saborosa decadência.

Quando atravessa a porta de entrada, aos primeiros passos na sala de recepção, as tábuas do chão rangem, anunciando – como uma campainha – sua chegada. O porteiro, que dorme debruçado numa mesinha, pula assustado e para com a precisão de um ginasta, em posição de atendimento.

– Pois não? O senhor deseja um quarto, certo? Eu tenho um que está à sua espera. Siga-me, por favor!

Enquanto fala, vai pegando uma das chaves penduradas no quadro de feltro verde desbotado.

Os dois sobem a escada com a madeira do piso cantando sob seus pés; o hóspede admira o precioso torneado do guarda-corpo, o velho lustre bordado de teias de aranha e o azul, entristecido pelo tempo, do barrado na parede.

Seu quarto é o de número 7. Amplo e confortável, não possui decoração especial, apenas o básico de um simples quarto de hotel. Uma